

Imagens fotográficas geradas por Inteligência Artificial - limites éticos e impacto na formação profissional¹

Jorge Carlos FELZ FERREIRA²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG)

RESUMO

A crescente sofisticação da inteligência artificial generativa (IAG) possibilitou a geração de imagens extremamente realistas, indistinguíveis das reais à primeira vista. Isso apresenta um desafio significativo para a sociedade, pois tais imagens podem ser usadas para espalhar desinformação, criar notícias falsas e manipular a opinião pública. Em discussões com alunos de graduação, surgiram várias questões acerca do uso e dos limites éticos e legais das imagens geradas por IA. Neste texto, procuramos discutir como são limítrofes as questões éticas e legais envolvidas, a noção flusseriana de fotografia como conceito/ símbolo (o que a afasta da ideia de relação direta com o referente e a aproxima do símbolo peirceano) e, principalmente buscamos pensar como tais questões implicam na formação dos profissionais que lidam cotidianamente com essas novas tecnologias da imagem que chegaram para ficar.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Inteligência Artificial; Princípios Éticos; Manipulação da Imagem; Formação Profissional.

Introdução

Em um aula introdutória ao Fotojornalismo, os alunos ao serem apresentados ao programa da disciplina e a alguns pontos que seriam abordados durante o semestre, iniciaram uma discussão acerca das possibilidades do uso de Inteligência Artificial Generativa (IAG) pelo jornalismo, em especial pelos fotojornalistas. O debate em sala de aula foi enriquecedor e chamou nossa atenção para o objeto de maior preocupação entre eles em relação ao tema Inteligência Artificial (IA): a vulnerabilidade dos personagens ou sujeitos retratados face a uma possível manipulação ou alteração por IA e, principalmente, quais os limites legais e éticos que poderiam ser aplicados à produção fotoperiódica frente o uso dessa tecnologia.

Outro ponto interessante foi a imediata lembrança da imagem de Kate Middleton (princesa Kate) como referência de imagem gerada/ manipulada por Inteligência Artificial.

¹Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Professor Adjunto do Departamento de Técnicas Profissionais da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (TCE/FACOM/UFJF). Jornalista e fotojornalista profissional. Coordenador do Laboratório de Pesquisas em Jornalismo Gráfico e Visual (Graphos).

Uma outra questão que surgiu nas discussões em sala de aula foi como identificar uma imagem gerada ou manipulada por IA e uma fotografia verdadeira. Tal questão, muito mais complexa do que podemos imaginar, exige de nós, um esforço considerável para responde-la tendo em vista que esse conceito de “imagem verdadeira”, ou que tenha relação clara e precisa com seus referentes ou objetos retratados, é relativo.

Apesar da relevância de todas as questões levantadas pelos estudantes, a dificuldade de pensarem em imagens com impacto informacional maior do que as imagens da princesa, e que podem ou foram geradas por IA, algo que precisamos discutir é como construir e alinhar a formação e os currículos dos cursos da área da comunicação para que os novos profissionais possam lidar com essas novas tecnologias.

Uma volta no tempo

Quando da defesa da dissertação de Mestrado, um dos avaliadores disse que todos os presentes eram “dinossauros” da fotografia. Criados e treinados na fotografia analógica, pré-digital, estávamos ali discutindo o potencial radical da fotojornalismo na web e as implicações não apenas da adoção da fotografia digital como sua junção com este novo ambiente de produção e distribuição. Passados mais de 20 anos, nos deparamos mais uma vez com uma “crise” na produção cotidiana de imagens fotográficas: como lidar com as potencialidades das novas tecnologias, em especial o uso da inteligência artificial generativa³ (GAI) capaz de gerar imagens do “zero” a partir de prompts (comandos) de texto?

Fotografia: a transformação de conceitos em cenas

Nascida no início do século XIX, a fotografia surge na esteira das inovações advindas com a revolução industrial e as grandes alterações sociais, políticas e econômicas do período. Os primeiros processos fotográficos exigiam longas exposições e a pose dos retratados, mas o automatismo - a imagem capturada sem a intervenção da mão humana - garantia à fotografia uma “aura” de verdade e cópia fiel da realidade.

³IA generativa (Generative AI ou GAI) é o nome dado a um subconjunto de tecnologias de machine learning de IA que desenvolveram recentemente a capacidade de criar conteúdo rapidamente em resposta a solicitações via texto, que podem variar de curtas e simples a muito longas e complexas. Diferentes ferramentas de IA generativa podem produzir novos conteúdos de áudio, imagem e vídeo, mas foi a IA conversacional orientada por texto que despertou a imaginação dos desenvolvedores. Na verdade, as pessoas podem conversar e aprender com modelos de IA generativa treinados em texto, praticamente da mesma forma que fazem com os humanos. (disponível em: <https://www.oracle.com/br/artificial-intelligence/generative-ai/what-is-generative-ai/>).

A partir da metade do século XIX, o desenvolvimento de novos processos e equipamentos, permitem o congelamento das ações, (fotografia instantânea) e o flagrante do cotidiano, reforçando a relação da imagem fotográfica com seus referentes, o “isso foi” (Barthes, 1984). Entretanto, a ideia da fotografia que toma por base sua analogia com o referente ou objeto não é capaz de dar conta da complexidade dessa, que é a primeira das imagens técnicas produzidas por aparelhos.

A imagem fotográfica é resultado de uma ação inicial do fotógrafo - o olhar sobre o acontecimento - e uma série de ações técnicas e programáticas e, na medida que tal imagem capturada é tratada/ editada/ revelada para posterior distribuição, há outros fatores e ações que podem, deliberadamente ou não, afetar o resultado final (aquilo que será visto pelo expectador). A imagem fotográfica será assim, uma intenção, nem objetiva muito menos neutra. Para Flusser (2002), as imagens técnicas, como a fotografia, se originam na concretização de abstrações, através da reunião de pontos zerodimensionais, como no acionamento dos grãos de prata ou pixels. Fotografias são conceitos

(...) programados, visando programar magicamente o comportamento de seus receptores. Mas não é o que se vê quando para elas se olha. Vistas ingenuamente, significam cenas que se imprimiram automaticamente sobre superfícies. Mesmo um observador ingênuo admitiria que as cenas se imprimiram a partir de um determinado ponto de vista. Mas o argumento não lhe convém. O fato relevante para ele é que as fotografias abrem ao observador visões do mundo (Flusser, 2002, p.37).

Fruto do desenvolvimento tecnológico e científico do século XIX, a fotografia, mais que simplesmente registrar impressões do mundo físico, traduz textos e teorias em imagens. Assim, embora a fotografia possa ter muitas funções e usos em nossa sociedade, o princípio de sua existência está na materialização dos conceitos da ciência ou, para usar as palavras do próprio autor, ela “transforma conceitos em cenas” (2002, p.43). Neste sentido, pensar a fotografia como um documento que traz relação direta com seus referentes (ideia de índice semiótico) é, no mínimo problemático.

Para compreendermos a fotografia (especialmente a fotojornalística) e todas as suas relações com o mundo, é necessário compreender o processo do “(...) gesto fotográfico, no movimento do complexo fotógrafo-aparelho” (Flusser, 2002, p. 41) uma vez que a fotografia será, sempre, resultado das intenções codificadoras do fotógrafo e do aparelho.

Partindo então da premissa que imagens são concretizações de abstrações (ideias e conceitos) que ocorrem na interação fotógrafo-aparelho, poderíamos compreender melhor (o que não significa aceitar) a manipulação da imagem, que sempre foi algo muito presente e anterior ao advento das tecnologias digitais.

A manipulação das imagens pode ser observada desde os primeiros retratos, posados em estúdios simulando ambientes externos, passando pelas imagens da Guerra da Crimeia (1853-1956) ou da Guerra Civil nos EUA (1861-1865), nas imagens de Frank Hurley produzidas nos fronts da 1ª Guerra Mundial (1914-1918); nos foto-ensaios memoráveis de Eugene Smith, publicados na *Revista Life* que, acusado por muitos de encenar fotografias, respondia que a “minha honestidade reside na minha capacidade de compreensão” (NYTimes, 2013).

Imagens Geradas por IA: Novas Abstrações e Representações

À medida que o poder computacional dos nossos dispositivos de captura – sejam eles quais forem – e a capacidade dos sistemas de inteligência artificial aumenta mais nos afastamos da nossa câmara escura e da sua realidade espelhada. Mas estamos nos afastando da captura da verdade? Um debate acirrado atual no mundo fotojornalístico é descobrir até que ponto um fotógrafo pode editar sua imagem original sem cruzar a linha da “verdade” ou, até que ponto a tênue relação da imagem com seu referente permanece.

Embora algumas organizações estejam traçando limites rígidos para o uso das novas tecnologias, colocar limites a qualquer alteração que possa se aplicar, está fadado talvez, ao fracasso. Alguns dos princípios mais importantes para o estabelecimento de limites ao uso da IA podem ser visualizados em “Global Principles on Artificial Intelligence (AI)”, disponível em: <https://www.newsmediaalliance.org/global-principles-on-artificial-intelligence-ai/>;

A resposta a este debate é complexa, difícil e, provavelmente, foi respondida antes de qualquer imagem ser tirada. É uma questão ética e sempre foi: se o fotógrafo tem intenção clara de mentir e enganar, não há o que se possa fazer. Eugene Smith, conhecido por suas fotografias poderosas e muitas vezes controversas, frequentemente retocava suas imagens na câmara escura, alterando contrastes, luzes e sombras para intensificar o impacto emocional. No entanto, ele defendia que seus retoques eram uma

forma de transmitir a verdade emocional dos eventos que fotografava. Ele acreditava que a fotografia deveria ser uma ferramenta para provocar a reflexão e o engajamento.

Educação e capacitação - como trabalhar a formação dos profissionais

Provavelmente, a automatização da geração de imagens pode levar à desvalorização do trabalho dos fotojornalistas e gerar desinformação. Além de ser necessária a criação de diretrizes claras e rigorosas para o uso de imagens de IA no fotojornalismo, que sejam capazes de contemplar a identificação de imagens geradas por IA, a transparência nos processos de criação e a preservação da autenticidade do fotojornalismo, os profissionais precisam ser capacitados para identificar e compreender as implicações das imagens de IA. Isso inclui o conhecimento técnico sobre a tecnologia e a habilidade de analisar criticamente a autenticidade das imagens.

Assim, os currículos de jornalismo - e de outras áreas da comunicação - precisarão incorporar o aprendizado de ferramentas de IA, como análise de dados, geração de conteúdo e verificação de fatos. Os novos profissionais, devem ainda ser capazes de: (a) desenvolver a compreensão dos princípios éticos e da transparência no uso da IA no jornalismo; (b) desenvolver ainda mais o pensamento crítico para avaliar a confiabilidade e o impacto das informações geradas por IA.; (c) se familiarizarem com ferramentas de IA que auxiliam na pesquisa, na produção de conteúdo e na edição de textos e imagens.

Além disso, é preciso buscar novas formas e usos para a IA em tarefas e projetos para verificar a autenticidade de informações e combater a desinformação online ou para auxiliar na personalização de notícias e a segmentação de conteúdo para públicos específicos.

Por caberá às empresas de mídia e aos profissionais adaptarem-se a novos fluxos de trabalho, promovendo mudanças internas das redações e equipes, criando novas funções e construindo perfis de profissionais mais especializados em IA e análise de dados. Por fim, vale lembrar que as ferramentas de IA podem auxiliar em tarefas repetitivas, permitindo que jornalistas se especializem em áreas como análise de dados, jornalismo investigativo ou produção de conteúdo multimídia mas jamais substituirão o humano na sua capacidade crítica.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOEHMAN, Craig. **Midjourney vs. DALL-E vs. Stable Diffusion: Which Is Better?**. 24 mai. 2023. Disponível em <<https://www.makeuseof.com/midjourney-vs-dalle-vs-stable-diffusion/>>. Acesso em 18 de abril de 2024.
- BROWN, Michael Christopher. **90 miles**. 2023. Disponível em <<http://airlab.co>>. Acesso em 04 de abril de 2024.
- Capa, Robert. (2004). **Images of War: A Photojournalist's History of World War II**. New York: Random House.
- Contraponto Digital**: <https://www.terra.com.br/byte/as-dificuldades-para-identificar-imagens-geradas-por-inteligencia-artificial-nas-eleicoes,2454d5b482b272f0e2e684bcb28a9d920w4shs26.html>
- DW Brasil**: <https://www.dw.com/en/fact-check-how-to-spot-ai-images/video-65468031>
- FERREIRA, Jorge C. Felz. O Fotojornalismo na web. Dissertação de mestrado. S. B. do Campo: Universidade Metodista de S. Paulo, 2005. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_60028cfea04ffdbbbeda4c51a32f4e1b.
- _____. Narrar a Guerra: produção de sentido no Fotojornalismo. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2013_jorge_carlos_ferreira.pdf.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa-preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. **Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FOLEY, Joseph. **AI image generators: everything you need to know**. Digital Camera World, 21 de dez. de 2022. Disponível em <<https://www.digitalcameraworld.com>> . Acesso em 18 de abril de 2024.
- FOTORAT. **Arbeitsgruppe Technischer Fortschritt**. Disponível em: <<https://deutscherfotorat.de/2023/04/20/positionsbestimmung-zu-ki-bildgeneratoren/>>. Acesso em 17 de abril de 2024.
- Inspier**: <https://fastcompanybrasil.com/tech/inteligencia-artificial/voce-consegue-identificar-imagens-geradas-por-ia/>
- LITOVSKY, Dina. **The problem of AI photography is not the medium, it's the message**. 25 abr. 2023. Disponível em <<https://dinalitovsky.substack.com/p/the-problem-of-ai-photography-is>>. Acesso em 10 de abril de 2024.
- MACHADO, Arlindo. **A fotografia como expressão do conceito**. Studium, Campinas, SP, n. 2, p. 5–23, 2019. DOI: 10.20396/studium.v0i2.10021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/10021>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- MIDJOURNEY. **Quick start guide** [2024]. Disponível em <<https://docs.midjourney.com/docs>>. Acesso em 07 de abril de 2024.
- THE NEW YORK TIMES. Entrevista: W. Eugene Smith: 'Eu não escrevi as regras, por que devo segui-las?'. N. York, NYTIMES, 3 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/lens.blogs.nytimes.com/2013/01/03/w-eugene-smith-i-didnt-write-the-rules-why-should-i-follow-them/>.
- Smith, Eugene. (1989). W. Eugene Smith: **Photographs 1950-1987**. New York: Aperture.
- World Press Photo**: <https://www.theverge.com/2023/11/21/23970682/world-press-photo-contest-generative-ai-rules-guidelines>.